



CONVERSAS COM
Lutero
história e pensamento



ELBEN M. LENZ CÉSAR

CONVERSAS COM
Lutero
história e pensamento



Editora Ultimato
Viçosa, MG

CONVERSAS COM LUTERO
Categoria: Biografia/Liderança

Copyright © 2006, Elben M. Lenz César
Todos os direitos reservados

Primeira edição: Outubro de 2006
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Revisão: Délnia M. C. Bastos
Daniela Cabral
Fernanda Brandão
Capa: Panorâmica Com&Mkt

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

C421c César, Elben Magalhães Lenz, 1930-
2006 Conversas com Lutero : história e pensamento / Elben M. Lenz César
— Viçosa, MG : Ultimato, 2006.
288p. : il. ; 23cm.
Inclui bibliografia e índice

ISBN 85-86539-95-3
978-85-86539-95-4

1. Lutero, Martinho, 1483-1546. 2. Reforma protestante. 3.
Entrevistas imaginárias. I. Título.

CDD 22.ed. 230.41

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
EDITORA ULTIMATO LTDA.
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
E-mail: ultimato@ultimato.com.br
www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

<i>Ao leitor</i>	7
<i>Prefácio</i>	9
<i>Apresentação</i>	13

I. CONVERSAS COM LUTERO

(Wittenberg, julho a outubro de 1545)

1. Lutero e a vocação monástica	21
2. Lutero e o pavor do pecado	27
3. Lutero e a Sagrada Escritura	33
4. Lutero e a oração	39
5. Lutero e os papas	44
6. Lutero e Leão X	52
7. Lutero e o fim do mundo	56
8. Lutero e o pequeno rebanho	61
9. Lutero e a universidade	65
10. Lutero e as noventa e cinco teses	74
11. Lutero e a Dieta de Worms	81
12. Lutero e a Reforma	88
13. Lutero e seus companheiros	101
14. Lutero e os turcos	106
15. Lutero e os judeus	113
16. Lutero e a imprensa	126
17. Lutero e a humildade	132
18. Lutero e a Maravilhosa Graça	136
19. Lutero e a propensão pecaminosa	151
20. Lutero e a castidade	157
21. Lutero e o casamento	165



22. Lutero e as relíquias	170
23. Lutero e a excomunhão	175
24. Lutero e o comércio	179
25. Lutero e a virgem Maria	187
26. Lutero e a música	194
27. Lutero e missão	201
28. Lutero e a morte	208
29. Lutero e o “nosso amado Senhor Jesus Cristo”	214
30. Lutero e os três “somentes”	222

II. CONVERSAS COM A VIÚVA CATARINA VON BORA

(Torgau, outubro de 1552)

31. O casamento de Lutero	231
32. A morte de Lutero	236

III. CONVERSA COM O DILETO AMIGO FILIPE MELANCHTHON

(Wittenberg, fevereiro de 1560)

33. O <i>alter ego</i> de Lutero	243
----------------------------------	-----

IV. CONVERSA COM O REFORMADOR JOÃO KNOX

(Edimburgo, outubro de 1572)

34. O barril de pólvora que Lutero acendeu	253
--	-----

ANEXOS

O filho do diabo	267
Cronologia	270
Região histórica de Lutero	272
Lugares históricos para Lutero	273
O que se diz de Martinho Lutero	275
<i>Bibliografia</i>	279
<i>Índice onomástico</i>	283

AO LEITOR

LUTERO TINHA O hábito de conversar com seus alunos da Universidade de Wittenberg em sua própria casa, nos horários das refeições. Alguns de seus escritos surgiram dessas chamadas “conversas à mesa”.


Conversas com Lutero contém uma série de trinta conversas fictícias com o reformador alemão Martinho Lutero (1483-1546). Tais conversas aconteceram na cidade de Wittenberg, à margem do rio Elba, na antiga Saxônia, a partir do dia 2 de julho de 1545 — quadragésimo aniversário de sua decisão de abandonar o curso de direito na Universidade de Erfurt e tornar-se monge agostiniano.

Embora fictício, todo o texto é rigorosamente baseado em fatos históricos. As respostas colocadas na boca de Lutero, quando *em itálico*, foram retiradas, na maior parte das vezes, de seus próprios escritos, reunidos nos nove volumes de *Martinho Lutero — Obras Seleccionadas*, com a devida permissão da Comissão Interluterana de Literatura (CIL) e das editoras Sinodal (São Leopoldo, RS) e Concórdia (Porto Alegre, RS).


Para completar a história de Lutero, publicamos outras conversas: com a sua viúva Catarina von Bora (1499-1552), com o seu dileto amigo Filipe Melanchthon (1497-1560) e com o reformador e historiador João Knox (1514-1572). Assim será possível conhecer algo sobre a vida matrimonial e a morte de Lutero, bem como a repercussão de sua obra e a realização do Concílio de Trento (1545-1563).



PREFÁCIO




HÁ ALGUNS ANOS, quando eu viajava pela Espanha com minha esposa, que também é historiadora da igreja, ela comentou que, na Europa do século 16, para a pessoa ser enterrada inteira ela tinha de ser medíocre. Os hereges eram queimados na fogueira e suas cinzas, jogadas no rio — como aconteceu com Savonarola. Os santos, depois de mortos, eram divididos em pedaços, que eram guardados como relíquias.



Essa foi a Europa em que viveu Martinho Lutero. Na própria cidade de Wittenberg havia uma grande coleção de relíquias, procurada por muitos peregrinos para receber supostos benefícios. Ainda estava viva a lembrança de João Huss sendo queimado na fogueira, condenado como herege, mesmo contando com um salvo-conduto do imperador.

Algo semelhante foi feito com a memória do próprio Lutero. Por um lado, os que o consideram herege o têm esquartejado e queimado. Têm se dedicado a colecionar intrigas sem fundamento, maledicências, exageros, e sobre essa base têm pintado um negro quadro do reformador alemão. Ocupam-se com gosto do que se poderia chamar de rachaduras na carreira de Lutero: a Revolta dos Camponeses e a bigamia de Felipe de Hesse.



Por outro lado, os que se declaram seus admiradores e seguidores o têm mumificado. Analisam e reanalisam seus ensinamentos. Alguns dizem: “Isto é meu”, enquanto outros afirmam: “Meu é isto”. Como na Idade Média as pessoas dividiam entre si as relíquias dos santos, assim também muitos têm tratado a memória e a teologia de Lutero. Alguns inventaram um Lutero místico e até mesmo santarrão. Outros o pintaram como o grande precursor da modernidade. Ainda outros fizeram dele o criador da nacionalidade alemã e, assim, mesmo sem querer, o precursor das atrocidades cometidas pelos alemães que culminaram na Segunda Guerra Mundial. Alguns insistem que a essência da teologia de Lutero está em seu modo de entender a presença de Cristo na eucaristia. Outros exageram seus ensinamentos a ponto de se tornarem antinomistas.

No fragor de tanto debate, a pessoa de Lutero tem ficado um tanto eclipsada. Fazemos dele ou o herege que destruiu a igreja — nas palavras da bula pontifícia, o javali selvagem na vinha do Senhor —, ou o gigante que a transformou e reformou — como Sansão, que derubou o templo dos filisteus. É apenas nas últimas décadas que se tem visto esforços, tanto entre católicos como entre protestantes, para se entender de verdade esse homem que transtornou toda a Europa e cujos descendentes espirituais são hoje centenas de milhões.

Um desses esforços é o que vem a público com a publicação de *Conversas com Lutero*. Como Lutero fazia em suas conversas após o jantar, este livro reúne temas sérios com uma metodologia fictícia e brincalhona. O autor se imagina um repórter conversando com Lutero e, assim, o apresenta não como gigante nem como herege, mas como homem de carne e osso, cheio de angústias e complexos, como todos nós. Conversas? Com um morto? Isso não parece ser o método de um historiador sério! Porém o mais surpreendente e valioso deste livro é que ele trata, sim, de história séria. As constantes citações das obras de Lutero e as referências a outros historiadores mostram que Elben César não está inventando um Lutero a seu bel-prazer. Ele está verdadeiramente reportando o que Lutero disse em seus escritos.

O que me entusiasma é que o autor, como o próprio Lutero, sabe juntar o que é cotidiano com o que é eterno, a vida prática com as questões teológicas mais profundas.

Assim, já que o autor ousa usar a imaginação para apresentar a vida de Lutero na forma de uma série de conversas, eu também ousar a imaginação. Imagino Lutero olhando lá do céu — onde certamente está, apesar de todos os seus pecados e de tudo o que já se tem dito contra ele — e lendo por cima do ombro do autor. Imagino-o sorrindo e, com uma das suas sonoras gargalhadas alemãs, fazendo um sinal a Melanchthon: “O que lhe parece, Filipe? Finalmente, depois de tantos séculos, me deixam falar!”

Justo L. González
 Decatur, Geórgia, EUA





APRESENTAÇÃO

DOUTOR MARTINHO LUTERO,
O INDIGNO EVANGELISTA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

Em menos de 90 anos (entre 1456 e 1543), foram feitas descobertas notáveis e surpreendentes que abriram novos horizontes e transformaram o mundo. O gráfico alemão João Gutemberg descobriu caracteres tipográficos móveis que deram origem à imprensa (1456). O navegador genovês Cristóvão Colombo descobriu o vasto continente americano, habitado de norte a sul e de leste a oeste (1492). O navegador e explorador português Vasco da Gama descobriu a tão desejada rota marítima para as Índias (1497). O militar e navegador português Pedro Álvares Cabral descobriu a parte mais meridional do continente encontrado menos de oito anos antes por Colombo (1500). E o astrônomo polonês Nicolau Copérnico descobriu que a Terra gira em torno do Sol, e não o contrário, como se pensava desde Ptolomeu, 1.400 anos antes (1543).

No meio dessas descobertas, que mudaram de uma hora para outra concepções conservadoras e tímidas, há mais uma, a que causou impacto maior e mais prolongado, com repercussões que duram até hoje. Trata-se da descoberta, ou melhor, da redescoberta da graça de Deus pelo monge alemão Martinho Lutero.

Para redescobrir a graça, o “javali da floresta”, como o chamou o papa Leão X, teve de fazer outras redescobertas, a princípio, desconcertantes e, mais tarde, alvissareiras. Lutero percebeu a miséria humana: “Nós somos mendigos, essa é a verdade”. Tal revolucionária e difícil redescoberta levou-o a outra: “Cheguei, de fato, à firme conclusão de que ninguém é capaz de justificar-se por suas obras [e] que é preciso recorrer à graça divina, que pode ser obtida por meio da fé em Jesus Cristo”. A partir dessas duas redescobertas preliminares, ele chegou logo à graça, que é o amor de Deus ativo em benefício da salvação do homem.

Depois da descoberta pessoal da graça, Lutero se viu na obrigação de torná-la conhecida dos outros miseráveis “mendigos”. Ele entendeu que sua tarefa, a partir de então, seria trazer à luz o que estava e está encoberto e obscurecido: as boas notícias de que nos “nasceu um Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lc 2.11). É por isso que ele se apresentava como “Doutor Martinho Lutero, indigno evangelista de nosso Senhor Jesus”.¹ Ao contrário do que muitos ainda pensam, o alvo de Lutero era proclamar o evangelho, não reformar a Igreja. O resto todo, inclusive a Reforma, foi consequência. Os pesquisadores católicos Erwin Iserloh e Harding Meyer registram no livro *Lutero e Luteranismo Hoje*: “Em sua maneira aguda de falar, [Lutero] chega a expressar-se ocasionalmente assim: o fato de o papa viver em concubinato não tem importância; mas é insuportável que não pregue o evangelho, que até o escamoteie”.² Outro reformador, Guilherme Farel, de Genebra, pensava como Lutero ao censurar o sacerdote católico “não por sua má vida, mas por sua má crença”.³

Para Lutero, “o evangelho é e não pode ser outra coisa senão uma prédica de Cristo, filho de Deus e de Davi; verdadeiro Deus e [verdadeiro] homem, que superou, para nós, com sua morte e ressurreição, o pecado, a morte e o inferno de todos os homens que nele crêem”.⁴ O cristocentrismo de Lutero — expresso nas famosas frases latinas *solus Christus* (só Cristo e nada mais), *sola gratia* (só a graça e nada mais) e *sola fide* (só a fé e nada mais) — é tal que ele insiste: “Somente Jesus, filho de Deus — repito, somente Jesus, filho de Deus — redimiu-nos dos pecados”.⁵

Por causa dessa fantástica descoberta da graça, Lutero é chamado de “pai na fé” na monografia, cheia de calor humano, preparada pelo historiador católico Peter Manns, publicada em 1982.⁶ Ou de “doutor comum”, como sugeriu, em 1970, o cardeal J. Willebrands, presidente do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, por ocasião da quinta assembléia da Federação Luterana Mundial, realizada em Evian, em 1970.⁷

Apesar da extraordinária contribuição de Lutero, o “indigno evangelista” é muito pouco conhecido. A única coisa que todo mundo sabe a respeito dele — a solene e corajosa afixação das 95 teses à porta da igreja de Wittenberg em 31 de outubro de 1517 — de fato não aconteceu, segundo pesquisas confiáveis e recentes, iniciadas por um historiador católico. Nesse dia muito querido pelos protestantes, a ponto de ser chamado “Dia da Reforma”, Lutero apenas enviou as teses ao seu bispo diocesano Jerônimo Schulz, de Brandemburgo.

Protestantes sentem-se na obrigação de admirar aquele que reformou a Igreja. Católicos romanos sentem-se na obrigação de questionar aquele que provocou o segundo Grande Cisma da Igreja. Mas a maioria desses grupos desconhece a vida e a obra de Martinho Lutero, nascido e morto em Eisleben, na Alemanha. Para uns, Lutero é mesmo o “javali da floresta” que devasta a vinha do Senhor (Sl 80.13); para outros, é o herói que enfrentou o todo poderoso papa Leão X.

Porque ainda existe a tentação de deixarmos Jesus Cristo de fora da Igreja, das homílias, das teses, dos livros, da televisão, da internet e da história (e essa tentação não deixará de acontecer nos séculos vindouros), precisamos ressuscitar a ênfase cristocêntrica de Lutero, expressa magistralmente na 62ª tese: *O verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo evangelho da glória e da graça de Deus*. Esse seria o laço de aproximação mais razoável, necessário e urgente, e o único que evitaria o vexame pelo qual passou o pastor da Igreja em Laodicéia, que se dizia cristã sem a efetiva presença de Cristo (Ap 3.20).

O pastor luterano brasileiro Walter Altmann diz, em seu livro *Lutero e Libertação*, que “Lutero ainda continua muito vivo e presente”.⁸ É

verdade, pois das prédicas de Lutero em Wittenberg e outras cidades, o fabuloso número de 2.082 chegou até nós. Some-se a isso cerca de 750 escritos de sua autoria, que estão sendo traduzidos para o português e publicados no Brasil pela Comissão Interluterana de Literatura (já foram publicados nove dos quinze volumes previstos). A cada ano surgem mais de mil títulos sobre Lutero, sem contar os textos em livros escolares e os verbetes não assinados em dicionários. De tempos em tempos, reúne-se em algum lugar do mundo o Congresso Internacional de Pesquisa sobre Lutero, cada vez com número maior de participantes. Não é de surpreender o crescente e positivo envolvimento de pesquisadores, historiadores e teólogos católicos, como Joseph Lortz, Erwin Iserloh, Yves Congar e Hans Küng. Lortz faz um apelo muito oportuno: “[Somos chamados] a trazer para a Igreja Católica as riquezas de Lutero”.⁹ Se as “riquezas de Lutero” são a sua contribuição à cristologia e ao cristocentrismo, a obrigação de reviver o “javali da floresta” é não só de católicos romanos, mas de toda a cristandade, incluindo os cristãos orientais e os protestantes.

Sabe-se que até bem pouco tempo, só a menção do nome de Lutero no meio católico romano causava arrepios, até certo ponto compreensíveis, pois tudo o que se sabia dele era baseado no livro *Commentaria de Actis et Scriptis Martini Lutheri* (Comentário Acerca dos Atos e dos Escritos de Martinho Lutero), escrito em 1549, três anos depois da morte de Lutero, por João Debeneck Cochlaeus, sacerdote e humanista, cônego da Catedral de Breslau. Para Cochlaeus, Lutero era a encarnação do demônio (veja no apêndice “O Filho do Diabo”, p. 265).

Conversas com Lutero é uma sincera contribuição e um esforço mais sincero ainda para encorajar os “mendigos” de hoje a descobrirem ou redescobrirem a graça de Deus!

Elben M. Lenz César

Notas

1. ISERLOH, E., MEYER, Harding. *Lutero e luteranismo hoje*. Petrópolis: Vozes, 1969. p. 43.
2. Idem. *Ibidem*. p. 24.
3. NAVARRO, Juan Bosch. *Para compreender o ecumenismo*. São Paulo: Loyola, 1995. p.95.
4. ISERLOH, E., MEYER, Harding. *Op. cit.* p. 46.
5. Idem. *Ibidem*. p. 47.
6. JUNGHANS, Helmar. *Temas da teologia de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 122.
7. ALTMANN, Walter. *Lutero e libertação*. São Paulo: Ática, 1994. p. 275.
8. Idem. *Ibidem*. p. 274.
9. LORTZ, Joseph. In: ISERLOH, E., MEYER, Harding. *Lutero e luteranismo hoje*. Petrópolis: Vozes, 1969. p. 16.






I.



CONVERSAS COM MARTINHO LUTERO

[Wittenberg, julho a outubro de 1545]



*O único que realizou uma verdadeira transformação
que mudou a face da terra foi Martinho Lutero.*

PAUL TILlich







1.

LUTERO E A VOCAÇÃO MONÁSTICA

*Quando poderei tornar-me piedoso e fazer
o suficiente para ter um Deus misericordioso?*

Repórter – Em maio de 1505, o doutor cursava direito na Universidade de Erfurt, uma das mais renomadas da Alemanha. Dois meses depois, o doutor abandonou o curso e ingressou no convento dos agostinianos. O que o levou à vida monástica?

Lutero – A mesma pergunta me fez meu pai. Posso dar a você a resposta que dei a ele. A causa acidental foi uma experiência muito pessoal pela qual eu passei no dia 2 de julho daquele ano. Estava caminhando por uma trilha nas proximidades de Stotternhein quando um grande temporal desabou naquelas mediações. Eram raios, relâmpagos e trovões. Uma dessas descargas elétricas entre a nuvem e o chão quase me atingiu. Foi uma sensação horrível. Pensei que morreria ali mesmo. Então bradei aos céus: “Ajuda-me, Santa Ana, e eu me tornarei monge!”. De volta a Erfurt, são e salvo, despedi-me de meus colegas e cumpri a promessa.

Repórter – E a causa não acidental?

Lutero – A causa acidental espremeu o tumor e pôs a vocação para fora. A causa não acidental foi uma decisão religiosa. Uma busca de solução para a minha inquietude interior. Eu me apavorava muito com

a majestade de Deus. Até então, em nenhum momento tinha conseguido achar consolo em meu batismo e me perguntava: “Oh! Quando finalmente poderei tornar-me piedoso e fazer o suficiente para ter um Deus misericordioso?”. Através de pensamentos como esses fui incitado em direção à vida monástica.

Repórter – Com que idade o doutor se fez monge?

Lutero – Aos 21 anos. Àquela altura eu já era mestre em artes pela Universidade de Erfurt e professor de iniciantes na mesma escola.

Repórter – Qual era o seu currículo até então?

Lutero – Dos 5 aos 13 anos, fui aluno da Escola Municipal de Mansfeld, para onde minha família tinha se mudado. Estudei rudimentos de latim, canto e as expressões principais da fé cristã, como os Dez Mandamentos, o Pai-Nosso, a Ave-Maria, o Credo etc. Da primavera de 1497 à primavera seguinte, passei pela escola latina de Magdeburgo. Em seguida fui para Eisenach, onde fiquei três anos, de 1498 a 1501. Aí freqüentei a escola do trívio, assim chamada porque estudávamos as três disciplinas fundamentais — gramática, retórica e dialética. Passei a minha adolescência nessa cidade e fiz muitas e preciosas amizades, tanto com alguns dos meus mestres, entre os quais cito Trebônio e Wigand, como com certas famílias radicadas na cidade — lembro-me bem do casal Cotta e do casal Schalb.¹ Na segunda metade de 1501 é que fui para Erfurt, onde fiz a faculdade de artes, de três anos de duração. Estudei o que chamamos de quadrívio — geometria, aritmética, música e astronomia — e também tive de participar dos cursos de ética e metafísica. Recebi o diploma de bacharel em artes em 1502, com 19 anos incompletos. No dia 7 de janeiro de 1505 ascendi ao grau de mestre em artes. Daí para frente eu tinha três opções: medicina, teologia ou direito. Escolhi a última, talvez meio influenciado por meu pai.

Repórter – Quem pagava os seus estudos?

Lutero – Meu pai, João Lutero, e minha mãe, Margaret Ziegler Lutero, eram de origem humilde. Ele nasceu e viveu por algum tempo na roça, pois meus avós eram camponeses. Por não ser o filho mais velho, papai não herdou nada dos pais e se mudou para Eisenach,

onde conseguiu emprego nas minas de cobre existentes na região. Eles lutavam muito para nos educar. Minha mãe costumava buscar lenha na floresta e eu a acompanhava. Por essa razão, eles não puderam me sustentar o tempo todo. Em Eisenach eu cantava e mendigava pelas ruas para receber alguns trocados e era, de certa forma, bem-sucedido. Depois, meu pai melhorou de vida, mas a essa altura, eu já me mantinha por conta própria dando aulas para novos estudantes da universidade.

Repórter – O doutor se chama Martinho por causa de São Martinho?

Lutero – Isso mesmo. Fui batizado no dia de São Martinho, 11 de novembro. Esse ex-militar, nascido na Hungria, no início de quarto século, abraçou a carreira religiosa aos 40 anos e organizou, o quanto se saiba, a primeira fundação monástica da Europa, perto de Poitiers, na França, onde se travou a famosa batalha que deu vitória aos ingleses na Guerra dos Cem Anos, em 1356. Ele é mais conhecido como Martinho de Tours, por ter sido bispo dessa importante cidade francesa. Era um homem sem muitos recursos intelectuais, mas de bastante ação e visão. Morreu aos 81 anos, desprezado por vários clérigos e honrado por muitos leigos e ascetas.

Repórter – O livro *Legenda Áurea*, de Jacopo de Varazze, atribui muitos e fantásticos milagres a São Martinho. Diz que ele curou muitos doentes, ressuscitou mortos, expulsou demônios — até mesmo de uma vaca — e dava ordens às chamas de fogo, às ondas do mar, às plantas e aos bichos, e todos lhe prestavam obediência. A uma serpente que atravessava o rio a nado, Martinho teria dito: “Em nome do Senhor, ordeno que retorne”. E, diante da ordem do santo, ela imediatamente se virou e foi para a outra margem. O doutor acredita nessas histórias?

Lutero – O livro de Jacopo é muito lido. Mais do que a Bíblia. Enquanto nos últimos trinta anos do século passado (de 1470 a 1500) foram feitas 128 edições da Bíblia, vieram à luz pelo menos 156 edições de *Legenda Áurea* — 87 em latim, 25 em alemão, dezessete em francês, dez em italiano, dez em holandês, quatro em inglês e três em boêmio.² Para falar das proezas de São Martinho, Jacopo se baseia no *Diálogo de Severo e Galo* (que eram discípulos do santo). Para mim são um monte de lendas, sem a menor credibilidade. Todavia, São Martinho foi

um homem dedicado a Deus e ao próximo, principalmente aos pobres e perseguidos. Conta-se que, certa vez, ele viu um homem quase nu e se apiedou dele. Então pegou a espada e dividiu em dois o manto que usava, dando a metade ao pobre e cobrindo-se com a metade que lhe restava.

Repórter – Então o doutor nasceu em Eisenach...

Lutero – Nasci em Eisleben, na Turíngia, no dia 10 de novembro de 1483, a poucos passos da Igreja de Pedro e Paulo, de estilo gótico, onde fui batizado no dia seguinte. Minha cidade natal é muito antiga. Antes chamava-se Islebo ou Yslava. A primeira referência a ela tem mais de 700 anos. Mas pouco me demorei ali. Logo meu pai se mudou para Mansfeld.

Repórter – Voltemos ao convento agostiniano em Erfurt. Como foi a sua ordenação sacerdotal?

Lutero – Como quase todos os monges eram sacerdotes, comecei a me preparar para ser um deles. Em setembro de 1506 fiz minha profissão perpétua. Para poder celebrar a missa, estudei as 89 lições do *Canonis Missal Expositio*, de Gabriel Biel. No dia 3 de abril de 1507, fui solenemente ordenado sacerdote na Catedral de Erfurt. Estava com 23 anos. Celebrei minha primeira missa um mês depois, no dia 2 de maio, na mesma catedral. Meu pai estava presente sem minha mãe, que já havia morrido.

Repórter – Como o doutor se saiu?

Lutero – Não gosto nem de me lembrar! Quase abandonei a celebração pela metade, por causa daquela inquietação frente à majestade de Deus. Enquanto consagrava a hóstia e o vinho da missa, a idéia de santidade divina se impôs com uma força tão intensa a meu espírito que tive uma vontade enorme de fugir do altar, na presença de todos. Pensei que iria morrer naquele momento e naquele lugar. Foi o meu superior, João von Staupitz, morto há mais de vinte anos, de quem eu me considerava filho espiritual, que me reteve pelo braço no altar. Isso aconteceu à vista de meu pai, de meu parente Conrado Huter, de meu velho amigo João Braun, do conselheiro de Mansfeld, da família Schalb, e de outros amigos que vieram de diversas cidades a meu convite.³

Repórter – Seu pai se alegrou com a sua ordenação sacerdotal?

Lutero – No banquete que se seguiu à celebração eucarística, meu pai se mostrou ainda contrariado com a minha decisão de em julho de 1505 abandonar o curso de direito e ingressar na vida monástica. Quando alguns frades tomaram a minha defesa, meu velho e duro pai lhes disse: “Não ouviste nunca que os filhos devem obedecer aos pais? E vós, homens doutos, não haveis nunca lido na Santa Escritura que está ordenado aos filhos que honrem seu pai e sua mãe? Preze a Deus que a tranqüilidade e a paz de que falais não venham a ser enganosas mentiras do Príncipe do Mal!”⁴

Repórter – Seus pais eram religiosos?

Lutero – Sem dúvida, mas como aqueles que se contentam com pouca coisa. Vez e outra, minha mãe se envolvia com bruxaria.

Repórter – Todo mundo chama-o de doutor. Por quê?

Lutero – Fui convocado e constrangido, querendo ou não, a tornar-me doutor, por pura obediência. Aí tive de aceitar o ofício de doutor e prestar o juramento de pregar e ensinar com fidelidade e pureza minha queridíssima Sagrada Escritura. Obtive o grau de doutor em outubro de 1512 na Universidade de Wittenberg, um mês antes de completar 29 anos. A essa altura, eu já havia me mudado definitivamente de Erfurt para Wittenberg para me preparar para o doutorado, em obediência ao meu provincial Staupitz.

Repórter – O senhor é doutor *honoris causa*?

Lutero – Meu doutorado durou pouco mais de um ano. Mas entre meu bacharelado em teologia, em março de 1509, e a obtenção do grau de doutor, passaram-se três anos e meio. Embora conquistado não por decisão própria, hoje muito agradeço o preparo e o título de doutor. Graças a ele, meus opositores não podem me chamar de “João-Ninguém”. Foi uma conquista providencial.

Repórter – Talvez não seja do seu inteiro agrado, mas o doutor me permite invadir a sua privacidade?

Lutero – Se for para testemunho do evangelho, você tem minha permissão.

Repórter – Quero saber mais um pouco sobre as lutas interiores que teve quando estava no convento de Erfurt.

Lutero – De fato esse é um assunto muito pessoal, mas vou tentar explicar. Mormente porque há por aí pessoas que exageram meus problemas daquela época e, por interesse próprio, espalham que eu era um doente mental. Outros, porém, vão para o lado oposto e afirmam que eu não tive crise nenhuma, que seria pura invenção de minha parte — uma estratégia montada para justificar minhas rixas com a Igreja. O problema todo girou em torno de duas revelações das Escrituras que não podem, nem devem ser desacompanhadas de pelo menos uma terceira. Refiro-me primeiro à doutrina da santidade absoluta de Deus e à doutrina da pecaminosidade absoluta do homem. Ao contemplar a majestade de Deus e o seu pecado, o profeta Isaías gritou: “Ai de mim! Estou perdido!” (Is 6.5). Quando viram a Jesus em glória no monte da transfiguração, os discípulos também “prostraram-se com o rosto em terra e ficaram atemorizados” (Mt 17.6). Há de se juntar a essas duas revelações a imagem de um Deus não apenas santo, mas também misericordioso, capaz de amar, de perdoar e de justificar o pecador, mediante uma fé especial. Ora, uma pessoa que só assume a concepção de um Deus majestático, que exige uma justiça perfeita, entra em desespero — sobretudo se é muito sensível, como no meu caso. Eu pensava no pecado, e não na graça de Deus. Esse foi o cerne das minhas lutas no convento até redescobrir a justificação pela graça, mediante a fé posta na pessoa e no sacrifício de Jesus.

Notas

1. Nesta altura, Lutero não podia imaginar que João Sebastião Bach (1685-1750), o maior gênio da música barroca e também um fervoroso luterano, nasceria em Eisenach, menos de 200 anos depois. Em março de 2004, a cidade promoveu uma série de concertos e exposições para comemorar os 500 anos da chegada de seus antepassados a Eisenach. Sabe-se que cerca de 60 a 70 Bachs foram músicos e que o posto de organista da igreja local esteve nas mãos deles por 132 anos. Foi J. S. Bach quem compôs as famosas peças religiosas *Paixão Segundo São João* (1723), *Paixão Segundo São Mateus* (1729), *Oratório de Natal* (1734) e o *Magnificat*.
2. FRANCO JÚNIOR, Hilário. In: VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea*; vida de santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 22.
3. GREINER, Albert. *Lutero*. São Leopoldo: Sinodal, 1983. p. 26-27.
4. LESSA, Vicente Themudo. *Lutero*. 4 ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960. p. 38